

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

UM BRASILEIRO PARA GOA

23/2/65

Atualmente não vive um só português em Goa. Quero fazer uma sugestão e a faço aqui, mas não sei a quem a dirijo. Seria muito interessante, do ponto-de-vista cultural, que um estudioso brasileiro fôsse mandado para Goa. Em Panjim, Capital, existe uma biblioteca de 60 000 livros, dos quais, segundo uma publicação oficial indiana, 80 por cento são escritos em português e "tratam principalmente da administração das colônias portuguesas da

Ásia, da África e do Brasil".

É claro que estudando êsses livros e os documentos dos arquivos, um pesquisador poderá encontrar muita coisa interessante para a compreensão de nossa História. A Biblioteca Nacional deveria interessar-se em fazer um levantamento dêsse rico repositório de história portuguesa que está, não se sabe por quanto tempo, fora do alcance de qualquer historiador português. Em Damão e Diu também

existem bibliotecas. Há, além disso, em Goa Velha, ricos exemplares da arquitetura colonial portuguesa que seria curioso estudar para uma comparação com as igrejas da Bahia e de Minas. Assim a Catedral, a Capela de Santa Catarina, o Convento de São Francisco e o Convento de São Caetano, a Basílica de Bom Jesus, com seu portão em estilo gótico e o corpo de São Francisco Xavier, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário em

estilo manuelino... A Basílica e a Catedral foram incluídas na lista dos monumentos nacionais da Índia, e o Departamento Arqueológico já realizou obras de manutenção, além de jardins e acomodações para peregrinos.

Em resumo: proponho que nós, brasileiros, "tomemos conta" de Goa, do ponto-de-vista afetivo e cultural, incluindo Diu e Damão, antes que o passar dos tempos apague muitos traços da influên-

cia portuguesa naqueles trechos do Oriente.

Souberam os franceses manter sua presença cultural na Índia, fazendo de Pondichery um centro de cultura francesa ainda mais importante hoje que antes. A teimosia do Governo português em *defender* Goa deixou sem laços com o mundo de fala lusitana aqueles poucos milhares de homens que falam ali a mesma língua em que ali escrevia, em 1560 e tantos, um m ô ç o pobre chamado Luís de Camões.